



## Buda, Schopenhauer e as Quatro Nobres Verdades

O Budismo originou-se no fim do período bramânico na Índia, que se estendeu aproximadamente entre os séculos IX e III a c. Tal período pode ser subdividido entre período bramânico ortodoxo (período de predominação dos Bramanas) e período bramânico desviante (do qual originaram-se as Upanishadas). Ambos formam o período das heterodoxias. Do bramanismo desviante origina-se o Janismo e o Budismo. De maneira geral, o Budismo prega um caminho de libertação e salvação mais individualizado, mas tem sempre como objetivo a eliminação do sofrimento coletivo.

No decorrer de sua existência, a tradição budista subdividiu-se em duas correntes: o Budismo Theravada, mais próximo da origem dos ensinamentos budistas, que prega um único caminho para a redenção: esforço e disciplina, e o Budismo Mahayana predominante, por exemplo, em países como o Nepal, Índia do Norte e Butão e países sob o regime monárquico constitucional, do qual geraram-se doutrinas como a Bodhisattva e o Zen-Budismo. Esta última doutrina possui foco de concentração no Japão, embora neste país predomine a religião Xintoísta. O Budismo, de modo geral, é organizado sob um sistema monástico.

O principal livro sagrado budista consiste no *Tripitaka*, livro compartimentado em três conjuntos de textos que compreendem os ensinamentos originais de Buddha, além do conjunto de regras para a vida monástica e ensinamento de filosofia (*Darsana*). A corrente do Budismo *Mahayana* ainda reconhece como códigos sagrados os *Prajnaparamita Sutras* (guia de sabedoria), o *Lankavatara* (revelações de Lanka) e o *SaDharmapundarika* (leis). O sistema budista é baseado em quatro princípios ou verdade fundamentais: a verdade do sofrimento a origem deste, a cessação do sofrimento e a senda para a libertação do sofrimento. Sobre este assunto destaca-se uma passagem da obra *A libertação do Sofrimento no Budismo Tibetano Gelugpa* Brum (1992) que esclarece sobremaneira o forte elo de ligação entre Schopenhauer e as idéias de Buddha, que praticamente fazem a mesma constatação a cerca da presença do sofrimento no mundo. O texto diz que: " Sem dúvida, o ponto central é a verdade inabalável de que a existência humana é cheia de dores, tristezas e sofrimentos. É aquilo que Schopenhauer chamou de "os tormentos da existência" ou "as dores do mundo".

Percebe-se claramente que tanto Buddha quanto Schopenhauer partem da mesma constatação básica, ou seja, a verdade da existência do sofrimento. O próximo passo é entender a

origem deste que, segundo os ensinamentos do Budismo, deve ser procurada no próprio homem. Diz o professor Brum: " Para Buddha era muito claro que a fonte dos conflitos é o próprio homem, com sua mente e pensamentos, com seus equívocos, ilusões e noções errôneas. Porém, é possível alterar o fluxo mental, o que levaria a libertação da fonte dos conflitos".

Em que consiste então o caminho para a libertação? Consiste no afastamento da causa raiz, a assim chamada ignorância primordial. Segundo o Budismo, existem três tipos de sofrimento. O primeiro é físico, o segundo psicológico e o terceiro, apesar de se encontrar nas nossas entranhas, é ocasionado pela ilusão de que o "eu" possui realidade própria, estamos falando da ignorância. Somos independentes dos demais seres? Esta ignorância, *Avidya* em sânscrito, não é uma ignorância comum, é um desvio cognitivo que inviabilizará por completo uma reta visão da realidade. Por isso ela precisa ser afastada, e isto não é simples, uma vez que pode-se afastá-la somente por meio da clara visão que culmina com o afastamento completo dos véus de cobrem a realidade. Ao *Nirvana* contrarie-se a idéia de *Samsara*. Para os budistas, o caminho da libertação é atingido a partir do momento em que o ciclo do *Samsara* é quebrado. A cessação da ilusão do eu individual é justamente o *Nirvana*. No entanto, não se pode confundi-lo com a morte ou com um mundo celeste após este. Trata-se apenas de um estado de consciência onde o ego não é mais o centro. Mas, como alcançá-lo? É preciso seguir o caminho que coloca a compaixão como *práxis*, com o objetivo de internalizar virtudes, o que possibilita o aparecimento da sabedoria. O Nobre Caminho Óctuplo, sintetiza algumas destas ações, tais como: a reta compreensão, o reto pensamento, a reta palavra, a reta ação, o reto meio de vida, o reto esforço, a reta meditação e a reta contemplação. Todos estes passos são perseguidos através da autodisciplina e da meditação (*Dhyana*); estes caminhos são úteis na busca do afastamento da ignorância fundamental.

A essência dos ensinamentos budistas podem ser resumidas em dois princípios: As Quatro Nobres Verdades e o Nobre Caminho Óctuplo. O primeiro aborda a questão doutrinaria e a primeira resposta que provoca é o entendimento; o segundo compreende a disciplina, no sentido mais amplo desta palavra, e seu objetivo fundamental é a ética.

Ainda na estrutura dos ensinamentos budistas, estes dois princípios estão juntos em uma indivisível unidade chamada *Dharma-Vinaya*, a doutrina-disciplina, ou de forma resumida, *Dharma*. A unidade interna do *Dharma* é garantida pelo fato de que a última das Quatro Nobres Verdades, verdade (*Satya*) do caminho, é o Nobre Caminho Óctuplo, enquanto que o primeiro fator deste, a visão correta, é o entendimento das Quatro Nobres Verdades. Assim, os dois princípios se completam – a formula das Quatro Nobres Verdades contendo o Nobre Caminho Óctuplo e este contendo as Quatro Nobres Verdades.

Dada esta unidade integral, seria sem sentido abordar a questão de qual dos dois aspectos do *Dharma* teria maior valor, a doutrina ou o caminho. Entretanto, se fizéssemos tal pergunta, a resposta teria que ser o caminho. O caminho clama primazia porque é precisamente ele

que traz o ensinamento à vida. O caminho traduz o *Dharma* de uma coleção de formulas abstratas em um contínuo desvelar da verdade.

Seguir o Nobre Caminho Ócuplo é mais uma questão de prática do que de conhecimento intelectual, mas para se aplicar o caminho deve-se entendê-lo apropriadamente. De fato, o entendimento correto do caminho é em si mesmo uma parte da prática. É uma faceta da Reta Compreensão, o primeiro fator do caminho, o precursor e guia para o restante da caminhada.

Os oito fatores do nobre Caminho Ócuplo não são estágios a serem seguidos em seqüência, um após o outro. Ao invés disso, eles podem ser mais habilmente descritos como componentes, comparáveis às fibras entrelaçadas de um único cabo que requer a contribuição de todas as fibras para resistência máxima. Com um certo grau de progresso, todos os oito fatores podem estar presentes simultaneamente, cada um ajudando os outros. Porém, até que este ponto seja atingido, uma certa seqüência no desenvolvimento do caminho é inevitável. Do ponto de vista do treinamento prático, o caminho Ócuplo divide-se em três grupos: ética (*Shila*), contemplação (*Samadhi*) e sabedoria (*Prajna*). A ordem dos três treinamentos é determinada pela meta final e pela direção do caminho. A meta final para a qual o caminho conduz, a libertação do sofrimento, em última instância depende da erradicação da *Avidya*, o clímax do caminho deve ser o treinamento diretamente oposto à ignorância. Este é o treinamento na sabedoria destinado a despertar a faculdade de entendimento profundo que vê as coisas como elas realmente são. A sabedoria desenvolve-se por graus, até mesmo os mais fracos lampejos de *insigth* pressupõem, com sua base, uma mente que esteja concentrada, livre de confusões e distrações.

A contemplação é adquirida por meio do treinamento em consciência elevada, a segunda divisão do caminho, que produz a calma e a serenidade necessárias para o desenvolvimento da sabedoria. Mas para que a mente seja unificada na contemplação é preciso eliminar algumas disposições não saudáveis que geralmente dominam sua atividade. Estas disposições dissipam o foco de atenção e a dispersa entre a multidão de inquietações e de preocupações. As disposições não saudáveis continuam a dominar enquanto se permite que elas ganhem expressão por meio dos canais do corpo e da fala como ações corporais e verbais. Consequentemente, no próprio começo do treinamento é necessário restringir as faculdades da ação para prevenir que elas não se tornem instrumentos das impurezas. Esta tarefa é realizada pela primeira divisão do caminho, o treinamento da ética.

Quanto a ética budista, é muito conhecido o grupo de cinco preceitos (*sânscrito pancha-Shila*): não matar; não roubar; não cometer adultério; não mentir ou falar de maneira rude; não tomar intoxicantes. Mas são nas seis *Paramitas* que a ética é claramente apresentada. No processo de despertar, diz Brum: "As *Paramitas* são as qualificações que conduzem até a outra margem. É a energia que impulsiona no Ócuplo caminho, a via para a iluminação".

## ***Bodhicita* - A Compaixão e a Reta Visão**

Para encerrar este tópico acerca do conhecimento oriental é importante tratar o conceito de compaixão no contexto budista. O termo em sânscrito para compaixão é *Bodhicita* e traz no seu significado uma aliança importante entre mente e coração. Nas palavras de Brum: " *Bodhicita*, a verdadeira compaixão, é o fundamento para uma ética natural. Não é fruto de normas, códigos ou imperativos de Deus. É algo essencialmente humano, quando o sentido de humanidade desperta no coração dos homens".

Percebe-se que a compaixão, neste contexto, não é um puro sentimento, é, ao contrário, um misto de amor e sabedoria, de discernimento e responsabilidade para com o próximo. O que está na base desta compaixão é um interesse coletivo que, na união se fortalece para enfrentar as dores do mundo. Acerca das reflexões do 14º Dalai Lama sobre este tema, escreve Brum: " É sem dúvida, uma outra visão. Totalmente diferente do tradicional racionalismo filosófico. É uma mente sensível, atenta e interessada no que é essencial e vital. Algo próximo da perspectiva de Pitágoras ao elaborar o conceito '*Philo-Sophia*' pois o 'amor a sabedoria' ou 'a sabedoria do amor' é um poder transmutador da consciência humana". Trata-se, sem dúvida, de uma maneira interessante de resgatar a originalidade da Filosofia.

Ainda segundo Brum, " para o Dalai Lama é fundamental uma compreensão democrática na questão do sofrimento, já que o sofrimento de um indivíduo é menor que o sofrimento de todos os outros. E, por outro lado, na medida que o sofrimento coletivo diminui, o individual está incluído neste todo". Neste sentido, a compaixão aparece como resposta humana, verdadeira, desvinculada do assistencialismo, interessada única e exclusivamente em combater o sofrimento. E, para concluir esta importante perspectiva encorajada pelo Budismo, citamos uma outra passagem do livro de Brum: " Para isso é preciso reta ação, pois a ética e a compaixão não são questões de semântica ou racionalismo. As virtudes (*Paramitas*) são para a vida diária. E, sem dúvida, se desfzermos a ilusão conceitual da existência de um "eu" independente, não haverá lugar para o individualismo. A solidariedade e a compaixão passam a ser atitudes naturais".

A sabedoria é que nos permite ver as coisas como elas realmente são. Os meios retos são as virtudes aplicadas, ou seja, transmutadas em atividades compassivas. Da união de ambos os instrumentos surge o ser iluminado.

Sérgio Peixoto Mendes

Contato: [www.philoterapia.com.br](http://www.philoterapia.com.br)

[philoterapia@uol.com.br](mailto:philoterapia@uol.com.br)